

GALEIA DE GRANDES HOMENS

Imprensa Nacional  
Biblioteca Machado de Assis



B0015212

RA BRASILEIRA

A SOB A DIRECÇÃO DO  
LVARO GUERRA

# ALVARES DE AZEVEDO

— (SUA VIDA E SUAS OBRAS)

1.ª Série - Vol. IX



4Yg

COMP. MELHORAMENTOS DE S. PAULO  
(Sociedade Anônima Incorporada)  
S. PAULO — CAVEIRAS — RIO — RECIFE

IMPRESA NACIONAL  
N.º 1769

SECRETARIA DE EDUCAÇÃO E CULTURA  
RIO DE JANEIRO, D. F. - E. U. BRASIL  
A BIBLIOTECA CENTRAL  
DE EDUCAÇÃO e Biblioteca  
da Universidade Nacional  
1943  
INTERCAMBIO: CAIXA POSTAL 1.702

BOOKS 2/12  
1943/08

Handwritten notes on the right page, including the word "BIBLIOTECA" and other illegible scribbles.



GALERIA DE GRANDES HOMENS

LITERATURA BRASILEIRA

1.<sup>a</sup> SÉRIE

Organizada sob a direcção do Prof. ÁLVARO GUERRA

**rx**

**ALVARES DE AZEVEDO**

(SUA VIDA E SUAS OBRAS)



928.  
A 994498

0308  
09 161

EDITORA-PROPRIETARIA  
COMP. MELHORAMENTOS DE S. PAULO  
(Weiszlog Irmãos incorporado)  
S. PAULO - CAYEIRAS - RIO - RECIFE

IMPRESA NACIONAL

Biblioteca do Serviço Social

Nº 220

Data 12/10/94



ALVARES DE AZEVEDO



## ALVARES DE AZEVEDO

### I

#### SUA VIDA

**Alvares de Azevedo** ó. depois de Gonçalves Dias, o nosso poeta mais culto e talvez, *a* mais querido da mocidade. Não é, por certo, o mais popular dos poetas brasileiros. A sua alta cultura intellectual, a sua variadissima erudição, a genial complexidade do seu temperamento esthetico, tornaram-no pouco accessivel ao commum dos leitores. Dos poetas seus contemporaneos foi elle, de certo, o mais literato. Fortemente influenciado

por Byron. Musset e Espronceda, a sua lyrica é um mixto curioso de sentimentalidade e humorismo, de esperança e duvida. de enthusiasmo e desalento...

Alvares de Azevedo, na evolução da nossa literatura, representa o lyrisimo romântico byroniano.

\*  
\* \*

A 12 de setembro de 1831, na capital de S. Paulo, nasceu Manoel António Alvares de Azevedo. Foram seus paes o Dr. Ignacio Manoel Alvares de Azevedo e D. Maria Luiza Silveira da Motta. Apenas contava dois annos quando os seus genitores, mudando-se da capital paulista, o levaram para o llio de Janeiro. Trez annos depois, viram, ali, quasi perdidas as esperanças por elles depositadas, com tanto carinho, no adorado fructo do seu amor. Grave moléstia poz em pe-

rigo a existência da mimosa criancinha. Esta, salva, a custo, das garras da Morte, ficou para sempre com o organismo debilitado e, portanto, exposta á provavel invasão de outros males. De tal crise orgânica proveu-lhe profunda fraqueza physica, -- causa de serias apprehensões e constantes desvelos por parle de seus paes.

Mais tarde, quando Azevedo, em 1840, cursava as aulas do Collegio Stoll, no llio, a sua debilidade orgânica tornara-o o ultimo alumno na aula de gymnastica. Entretanto, era elle, sempre, o primeiro em todas as outras aulas. Tanto assim, que causavam assombro a todos os professores a sua vivacidade de intelligencia e a sua acurada applicação aos estudos. Nelle prognosticavam os mestres « um brasileiro que rivalizaria com as primeiras capacidades da Europa ». O



director do Collegio, o Dr. Stoll, dizia, em caria, ao pae do portentoso estudante: — «Seu filho é a capacidade intellectual mais rara, que tenho encontrado, na America, em crianças!»

\*  
—

Na mesma época, ao passo que progredia nos preparatorios, manifestava-se, intensa, em Azevedo, a predilecção pela poesia. O seu livro de leitura assidua — o seu poema favorito — foi, primeiro, *Os Lusíadas*. E' que elle, forte na grammatica portugueza, interpretava de prompto o texto camoniano, — espantalho 'de tanto estudante mediocre... Alas o nosso illustre patricio não conhecia sómente o portuguez no seu mecanismo grammatical, — embora o escrevesse, não raro, com umas tantas licenças syntaticas, hoje de lodo inad-

missiveis. Manejava, tambem, com admirável facilidade, o idioma de Racine. Tal era o progresso de Azevedo nessa lingua, que, aos 10 annos, por occasião do anniversario natalicio de seu pae, fez elle, em bom fran/ez, para commemorar o factó, os seus primeiros versos.

Por esse tempo, um dia, o director do Collegio o surprehendeu, fechado numa sala, a desempenhar, com alguns collegas, um entremez que, na sua phantasia infantil, idealizara e compuzera para divertir-se em horas vagas. O próprio Dr. Stoll assombrou-se de ver a sua! pessoa reproduzida ou, melhor, caricaturada pelo pequeno actor, com tanto engenho e graça, na fala, physionomia e gestos.

Infelizmente, porém, em 1844 manifestou-se, de novo, a fatal enfermidade que, mais cedo ou mais tarde, devera leval-o ao tumulo. E, desta

vez, tão pertinaz se mostrara a moléstia, que o auspicioso jovem teve de, durante algum tempo, trocar o clima do Rio pejo de sua terra natal. Voltou, pois, para S. Paulo, em companhia de seu tio, o Dr. José Ignacio Silveira da Motta, a ver si recuperava, aqui, a saúde quasi de todo perdida.

\* \* \*

Apenas regressara ao Rio, foi Azevedo, por alguns mezes, discipulo do Barão de Planitz e, em 1845, após brilhantissimos exames, matriculou-se, como interno, no 5.º anno do Collegio D. Pedro II. Ahi, continuou o talentoso jovem a sustentar a sua invejavel reputação. Ao passo que cultivava a literatura, revelava umas tantas tendências epigrammaticas. Taes tendências, accusadas, mais tarde, claramente, em graciosos versos, já elle as havia evidenciado, no Collegio

Stoll, naquelle famoso episódio do entremez. Agora, denunciavam-se em espirituosas caricaturas por elle desenhadas para ridicularizar os empregados do estabelecimento, sem se importar com as horas de reclusão que, por vezes, lhe valeram os seus gracejos burlescos.

Emquanto cursou, como interno, o Collegio D. Pedro II, Azevedo não arrefeceu no amor ao cultivo das letras. Pelo contrario, cada vez mais se enthusiasmava em frequental-as, ora vertendo para o vernáculo bellos excerptos poéticos dos seus autores mais queridos, ora tracejando, com segurança, algumas producções originaes, -- primícias de um talento fulguroso, infelizmente perdidas no seu viver, um tanto dispersivo, de bohemio...



\* \* \*

Azevedo recebeu, em 1847, com distincção, o grau de bacharel em letras e, em 1848, veio para S. Paulo, afim de frequentar as aulas da nossa Faculdade de Direito. Dessa época, realmente, data a carreira literaria do genial paulista. Além dos profundos conhecimentos por elle adquiridos na sciencia juridica, o estudioso jovem passava horas e horas compulsando as obras-primas das literaturas brasileira, portugueza, franceza, ingleza, espanhola e italiana. Nessas lucubrações fatigantes, confiava elle ao papel as concepções originalissimas do seu talento literário.

Na mesma época, publicou Azevedo um juizo critico do *Jacques Rolla*, de Musset, e varias poesias (algumas sem nome de autor). O ope-roso belletrista collaborou, tambem, nos *Ensaioes Literarios do Atheneu*

*Paulistano*, - periódico que se publicava, então, na capital paulista.

Ao cursar ainda o 2.º anno, teve elle ensejo de, como representante dos seus collegas, proferir um bello e substancioso discurso na festa por elles realizada para commemorar o anniversario da fundação dos cursos juridicos no Brasil. Nesse memorável discurso, Azevedo, com assombrosa profusão de conhecimentos, discutiu a missão das Academias. Xo anno seguinte, foi elle, de novo, commisionado para discursar acerca da influencia politica de tal missão, ao inaugurar-se a sociedade académica

— *Ensaio Philosophico Paulistano*, de que fôra fundador. Delle nos ficaram sentidissimas allocuções pronunciadas junto á sepultura de alguns condiscipulos prematuramente roubados pela Morte ao convivio das Letras e ao culto do Direito.



Emquanto, porém, Azevedo desabrochava o seu talento literário, febrilmente, em successivas produções, ia, também, a pouco e pouco, trocando o seu génio folgazão por um temperamento tristonho, melancólico, sombrio. Taes tendências para a tristeza, bem como a sua intensa concentração de espirito e o isolamento da sociedade, foram-se-lhe accentuando, cada vez mais, de um modo impressionante, no 4.º anno juridico. A metamorphose do seu character chegou a ponto de o fazer, até, abandonar o quarto dos collegas, para viver sozinho, *ensimesmado* na sua melancolia invencivel. Parecia, então, que uma febre ardente o devorava. Como que o perseguia, sem cessar, á guisa de abutre sinistro a esvoaçar-lhe em torno do espirito adolescente, a previsão de que em breve morreria. Sob esta obsessão pertinaz, sentia elle

uma como necessidade imperiosa de vasar do cérebro para o papel o tumultuoso fervilhar de idéas que lá dentro se entrechocavam. Dir-se-ia que Azevedo, nessa continua febre de produção literária, anciava por concretizar em versos ou periodos, ás vezes desalinados, mas sempre vibrantes de talento, todos os seus sonhos de arte ou sciencia, antes que viesse a Morte sellar-lhe, para sempre, os labios!

\*  
\* \*  
\*

Azevedo percebia, como se vê, que um mal indellavel lhe minava a existência. A sua debilidade orgânica manifestava-se, de dia para dia, com mais clareza e precisão. Já lhe não restavam duvidas sobre o seu prematuro fim. Com effeito, nas férias do 4.º anno, quando, volvendo ao seio da familia, então residente no



lescente. Tão adeantado já estava o mal, que, a 25 de abri] do mesmo anno, ás 5 horas da tarde, deixou de existir aquelle talento prodigioso!...

\*  
\* \*

A Azevedo, só lhe faltava o ultimo estágio do seu curso juridico para ser, logo, nos auditórios nacionaes, um dos ornamentos mais fulgurantes da jurisprudência brasileira. E não é em vão que aventuramos tal asserto. Por vezes, durante as férias, Azevedo, nos autos que seu pae (notável advogado) lhe confiava para estudo, teve repetidos ensejos de revelar um alto critério juridico e uma solida erudição nos seus admiráveis pareceres. Tão notável e extraordinária era a sua capacidade de estudo e trabalho, que as notas por elle sabiamente exaradas á margem dos seus livros de aula

dariam matéria para um alentado volume. Verdadeira maravilha de talento e erudição!

\*  
\* \*

O passamento prematuro de Azevedo foi profundamente sentido e largamente pranteado em todo o Brasil. E com razão. O portentoso adolescente foi, sem duvida, uma esperança radiosa, precocemente desfolhada. Foi mais do que isso: foi uma gloriã nacional, cruelmente ceifada pela Morte, quando apenas desabrochava!

A' beira da sua sepultura, com suggestiva sinceridade, proferiram-se vários discursos. A imprensa, em todo o paiz, dedicou-lhe sentidos necrológicos. O *Ensaio Philosophico*, de que Azevedo fôra fundador, celebrou uma sessão solenne tão só para commemorar o passamento do seu benemérito

sócio. Na inolvidável sessão, foram pronunciados eloquentes discursos e recitadas mimosas poesias, referentes á morte do genial poeta. No *Gymnasio Brasileiro*, em sessão magna, a proposito de Azevedo, pronunciou Jacv Monteiro, seu collega e admirador, um notável elogio **biographico**.

\*  
\*  
\*

Facil não é imaginar o que seria Azevedo, si em Ião verdes annos o não arrebatasse a Morte: talvez um prodigio na sciencia e na literatura; talvez *um fructo sêco (un fruit sec)*, admittida a hypothese de que tudo já lhe havia dado a Natureza através daquelle ardente e phrenetico produzir dos últimos mexes. Inclina-mos, todavia, a acreditar que, deveras, seria um portento. Basta examinar-lhe o espolio literario, -- aliás composto de producções hesitantes no estylo e

quasi todas ainda sem retoque, — basta examinar-lhe as obras, para ver que a feição característica do seu génio estava ainda por accentuar-se.

A vastissima erudição de Azevedo fazia-lhe oscillar o talento entre Goethe e Byron, entre Lamartine e Schiller, entre Victor Hugo e Shakespeare, entre Heine e Espronceda, entre Klopstock e Dante, entre Millevoye e Garrett... Afigura-se-nos que, de tal amálgama de idéas colhidas a, êsmo na seara fulgurante de tantos génios, o seu talento de escol se constellaria, para as nossas leiras, de fulgurações gloriosas. Delle, com justiça e brilhantismo, disse abalisado critico portuguez (\*):

«Gracioso hoje e delicado nas suas composições, irónico e chocarreiro no dia seguinte, aqui suave e melancólico, ali apaixonado e lyrico,

(\*) Pinheiro Chagas.



acólá discursando através dos mais graves e complicados problemas de philosophia, mais adeante sceptico, epigrammatico e cáustico para em seguida ser um vaso inexaurível de ternura e de sentimento, librando-se agora nas asas irisadas da pbantasia, para logo se desentranhar no pungir da gargalhada mephistophelica, e sempre adejante através de um mundo vastissimo como o do pensamento, — o cérebro de Alvares de Azevedo era um vulcão incandescente, um cadinho onde se agitavam elementos preciosissimos, cuja synthese resultante deveria ter sido um verdadeiro assombro quando se chegasse a realizar. Elle próprio, corno que o adivinhava ao escrever a seguinte estrophe :

Quanta alegria presinto em meu futuro!  
Que aurora de porvir e que manhã!  
E perdera, chorando, essas coroas,  
Si ou morresse amanhã!

Elle proprio. como que o presentia nas ultimas palavras que proferiu ao soltar o derradeiro suspiro:

— *Que fatalidade, meu pae!* »

Realmente, foi uma *fatalidade*, para as Letras e para a Pátria, a perda do glorioso brasileiro !



## II

### OBRAS DE AZEVEDO

A 1.<sup>a</sup> edição das *Obras* de Azevedo (2 vols. , feita no Rio de Janeiro, em 1853, logo se esgotou. Na mesma capital appareceram, successivamente, a, 2.<sup>a</sup> e a 3.<sup>a</sup> edição em 8 volumes, os quaes, além de escriptos do autor, encerravam os discursos mais notaveis que, por occasião da sua morte, proferiram alguns literatos brasileiros. Esses o volumes das *Obras Completas* de Azevedo comprehendem prosa e verso.

Os escriptos em prosa são os seguintes :

1.<sup>o</sup>) varias *Cartas* interessantissimas ; 2.<sup>o</sup>) a *Analyse critica* do poema *Jacques Rolla*, de Musset ; 3.<sup>o</sup>) a *Analyse critica* de *Aldo*, o ttimador, de Jorge Sand ; 4.<sup>o</sup>) *Discursos academicos*; 5.<sup>o</sup>) *Orações fúnebres*; 6.<sup>o</sup>) *Dissertação* acerca de *Lucano*; 7.<sup>o</sup>) *Carta* a proposito do Theatro Brasileiro ; S.<sup>o</sup>) *Puff* (considerações sobre esthetica dramatica) ; D.<sup>o</sup>) *Macario*, composição dramatica ; 10.<sup>o</sup>) *Noite na taberna* (serie de contos originalissimos ; 11.<sup>o</sup>) *Estudos literarios* (*Litteratura e Civilização em Portugal*).

Esta ultima obra divide-se em 3 parles e é precedida de um prólogo, seccionado em 3 capitulos, a saber: *Litteratura do Norte*; *Arabes*; *índia*. A 1.<sup>a</sup> parle intitula-se *Portugal e abrange 2 capitulos*: *Hispania*; *Lusos e portuguezes*. A 2.<sup>a</sup> traz o titulo



— *Phase heroica* e comprehende dois capitulos: *Ferreira e Camões*. A 3.<sup>a</sup> e ultima parte é intitulada *Phase negra* e occupa-se de *Bocage*.

As obras em verso comprehendem:

1.<sup>o</sup>) *Lyra dos Vinte Annos*, colleção de poesias delicadissimas, das quaes merecem especial menção *Os Bohemios* (acto de urna comedia não concluida) e *Spleen e charutos*; 2.<sup>o</sup>) as *Poesias diversas*, nas quaes se incluiu o extravagante poemeto *Gloria moribunda*, cujo assumpto é n morte do poeta *Bocage*; 3.<sup>o</sup>) *O poema do frade*.

Ao nosso genial patricio, em Portugal, consagrou o brilhante escriptor *Lopes de Mendonça* um notável artigo de critica nas suas *Memórias de Literatura Contemporânea*. Também o *Archivo Pittoresco*, semanário publicado em Lisboa, dedicou a *Alvares de Azevedo*, por occasião da sua mor-

te, algumas paginas de sentida homenagem. *Fernando Wolf*, no seu *Le Brésil Littéraire*, marca ao mallogrado vate da *Lyra dos Vinte Annos* um posto de relevo entre as glorias literárias da nossa pátria.

Da vasta seara poética de *Azevedo*, corno lindos ornamentos da memória, respigámos os seguintes excerptos:

#### A CANTIGA DO SERTANEJO

(Fragmento)

E' doce na minha terra  
Andar, scismando, na serra  
Cheia de aroma e de luz,  
Sentindo todas as flores,  
Bebendo amor nos amores  
Das borboletas azues!

Os veados da campina  
Na lagoa, entre a neblina,  
São tão lindos a beber!

Da torrente nas corôas,  
Au deslizar das canoas,  
E' Ião doce adormecer!

Ah! si viesses, donzella,  
Verias que a vida <• bella  
Nu silencio do sertão!  
Ah! morena! si quizeras  
Ser a flôr das **primaveras**  
Que lenho no coração!

Junlo ás aguas da torrente  
Sonharias **indolente**  
Como num seio d'irmã!  
— Sobre o leito de verduras  
O beijo das creaturas  
Suspira com mais afan!

---

CREPUSCULO[><>MAR

•Fragmento)

No céu brilhante, do poente ao logo,  
Com aureola **ardente** u sol dormia:  
Do mar doirado nas vermelhas ondas  
Purpureo se escondia.

Como da noite u bafo sobre as agoas  
Que o reflexo da farde incendiava,  
Só a idéa de Deus e do infinito  
No oceano boiava!

Como é doce viver nas longas praias,  
Nestas ondas e sol e ventania!  
Como, ao triste seismar, encanto aéreo  
Nas sombras **preludia!**

O painel luminoso do horizonte  
Como as cândidas sombras allumia  
Dos phantasmas de amor que nós amámos  
Na ventura de um dia!

Como voltam gemendo e nebulosas,  
Branças as roupas, desmaiado o seio,  
Ilida uma vez a murmurar nos sonhos  
As palavras do enleio!...

Aqui nas praias onde u mar rebenta  
K a escuma nu morrer os seixos rola,  
Virei **sentar-me** no silencio puro  
Que o meu peito consola!

---



## LEMBRANÇA DE MORRER

*i Excerpto*

Eu deixo a vida como deixa o tédio  
Do deserto — o poento caminheiro;  
Como as horas de um longo pesadello  
Que se desfaz ao dobre de um sineiro;

Como um desterro de minh'alma errante,  
Onde fogo insensato a consumia...  
Só levo uma saudade — é desses tempos  
Que amorosa illusão embellecia.

Só levo uma saudade -- é dessas sombras  
Que ou sentia velar nas noites minhas...  
De ti, ó minha mãe, pobre coitada  
Que por minha tristeza te **definhas!**

.....

Descansem o meu leito solitário  
Na floresta dos homens esquecida,  
A' sombra de uma cruz, e escrevam nella:  
— Foi poeta, sonhou e amou na vida...

---

## SI EU MORRESSE AMANHÃ!

Si eu morresse amanhã, viria ao menos  
Fechar meus olhos minha triste irmã;  
Minha mãe de saudades morreria,  
Si eu morresse amanhã!

Quanta gloria presinto em meu futuro!  
Que aurora de porvir e que manhã!  
Eu perdera chorando essas coroas.  
Si eu morresse amanhã!

Que sol! que céu azul! que doce n'alva  
Acorda a natureza mais louçã!  
Não me batera tanto amor no peito,  
Si eu morresse amanhã!

Mas essa dôr da vida que devora  
A anciã de gloria, o dolorido afaa...  
A dôr no peito emmudecêra ao menos,  
Si eu morresse amanhã!

---

### A MINHA MÃE

És tu, alma divina, essa Madona  
Que nos embala na manhã da vida,  
Que ao amor, indolente, se abandona  
E beija uma criança adormecida...

No leito solitario, és tu quem vela,  
Tremulo o coração que a dôr arceia,  
Nos ais do sofrimento inda mais bella  
Pranteando sobre uma alma que pranteia.

E, si pallida souhas na ventura  
O affecto virginal, da gloria o brilho,  
Dos sonhos no luar, a mente pura  
Só delira ambições pelo teu filho!

Pensa em mim, como em ti saudoso penso,  
Quando a lua no mar se vae doirando;  
Pensamento de mãe é como incenso  
Que os anjos do Senhor beijam passando.

Creatura de Deus, ó mãe saudosa,  
No silencio da noite e no reiro  
A ti vòs minh'alma esperançosa  
E do pallido peito o meu suspiro!

### ANJINHO

Não chorem... que não morreu!  
Xra um anjinho (') céo  
Que um outro anjinho chamou!  
Era uma luz peregrina,  
Era uma estrella divina  
Que ao firmamento voou!

Pobre criança! dormia:  
A belleza re zia  
No carmin da face della!  
Tinha uns c'os que choravam,  
Tinha uns r's que encantavam!...  
Ai, meu Deus! era tão bella!

Um anjo d'asas azues,  
Todo vestido de luz,  
Sussurrou-lhe, num segredo,  
Os mysterios d'outra vida!  
E a criança adormecida  
Sorria de se ir tão cedo!

Fão cedo! que ainda o mundo  
O labio visqueto, immundo,  
Lhe não passara na roupa!  
Que só o vento do céo



Batia do barco seu  
As velas d'ouro da pôpa!

Tão cedo! que o vestuário  
Levou do anjo solitario  
Que velava seu dormir!  
Que lhe beijava risonho  
E essa florzinha, no sonho,  
Toda orvalhava no abrir!

Não chorem! Lembro-me ainda  
Como a criança era, linda  
No fresco da facezinha!  
Com seus labios azulados,  
Com os seus olhos vidrados  
Como de morta andorinha!

Pobrezinho! que soffreu!  
Como convulso tremeu  
Na febre dessa agonia!  
Nem gemia o anjo lindo:  
Só, os olhos expandindo,  
Olhar alguém parecia!

Era um carito de esperança  
Que embalava essa criança?  
Alguma estrella perdida?

No céu c'roada donzella,  
Toda a chorar-se por ella,  
Que a chamava d'outra vida?

Não chorem... que não morreu!  
One era um anjinho do céu  
Que um outro anjinho chamou!  
Era urna luz peregrina,  
Era uma estrella divina  
Que ao firmamento voou!

**THERESA**

(A uma menina)

Como dorme innocente esta criança!  
Qual flôr que abriu de noite o niveo seio  
E se entrega da aragem aos amores,  
Nos meus braços dormita, sem receio.

O que eu adoro em ti é, no teu rosto,  
O angélico perfume da, pureza;  
São teus quinze annos numa fronte santa  
O que eu adoro em ti, minha Theresa!

São os louros anéis de tens cabellos,  
O esmero da cintura pequenina,  
Da face a rosa viva e de teus olhos  
A saphira que a alma te illumina!

É lua fôrma aérea e duvidosa.  
— Pudor de infante e virginal enleio,  
Corpo suave que nas roupas brancas  
Revela apenas que desponta o seio.

#### O LENÇO DELLA

Quando, a primeira vez, da minha terra  
Deixei as noites de amoroso encanto,  
A minha doce amante, suspirando,  
Volveu-me os olhos húmidos de pranto.

Um romance cantou de despedida,  
Alas a saudade amortecia o canto!  
Lágrimas enxugou nos olhos bellos...  
E deu-me o lenço que molhava o pranto.

Quantos annos, comtudo, já passaram!  
Não *olvido*, porém, amor tão santo!  
**Guardo** ainda num cofre **perfumado**  
O lenço delia que molhava o pranto...

Nunca mais a encontrei na minha vida,  
E, comtudo, meu Deus, amava-a tanto...  
Oh! quando eu morra, extendam no meu rosto  
O lenço que eu banhei também em pranto!

#### GLORIA MORIBUNDA

E' uma visão medonha uma caveira?  
Não tremas de pavor; ergue-a do lodo.  
Foi a cabeça ardente de um poeta,  
Outrora á sombra dos cabellos loiros.  
Quando o reflexo do viver fogueiro  
Ali dentro animava o pensamento,  
Essa fronte era bella. Aqui, nas faces,  
Formosa pallidex, cobria o rosto;  
Nessas orbitas ôcas, denegridas,  
Como era puro seu olhar sombrio!

Agora, tudo é cinza. Resta, apenas,  
A caveira que a alma em si guardava,  
Como a concha no mar encerra a pérola,  
Como a cacoula a myrrha incandescente.

Os sonhos da sciencia nada valem.  
A vida é um escarneo sem sentido.



Comedia infame que ensanguenta o lodo.  
Ha, talvez, um segredo que ella esconde:  
Mas esse a morte o sabe e o não revela.  
Os túmulos são mudos como o vácuo.  
Desde a primeira dôr sobre um cadaver,  
Quando a primeira mãe, entre soluços,  
Do filho morto os membros apertava  
Ao offegante seio, o peito humano  
Cahiu tremendo, interrogando o tumulo...  
E a torra sepulcral não respondia!

#### A VIDA

A vida é urna comedia sem sentido,  
Uma historia de sangue e de poeira,  
Um deserto sem luz...  
A escara de urna lava em craneo ardido...  
K, depois, sobre o lodo... uma caveira,  
Uns ossos e uma cruz!  
Creiamos, sim, ao menos para a vida  
Não mergulhar-se numa noite escura...  
E não enlouquecer...  
— Utopia ou verdade, a alma perdida  
Precisa de uma idéa eterna e pura  
— Deus e Céu... para crer!

Consola-te! Nós somos condemnados  
A' noite de amargura: o vento norte  
Nossos pharões apaga...  
Iremos, todos, pobres naufragados,  
Frios rolar no litoral da morte,  
Repellidos da vaga...

E, comtudo, parece um desvario,  
Blasphemia atroz o cântico atrevido  
Que rugem os atheus;  
Sem a sombra de Deus, é tão vazio  
O mundo — cemitério envilecido...  
Oh! creiamos em Deus!

#### A MINHA ESTEIRA

Aqui, do valle respirando á sombra,  
Passo, cantando, a mocidade inteira...  
Escuto no arvoredos os passarinhos  
E durmo venturoso em minha esteira.  
Respiro o vento e vivo de perfumes  
No murmúrio das folhas da mangueira...  
— Nas noites de luar, aqui descanso  
K a lua enche de amor a minha esteira.

Aqui, mais bella, junto a mim, se deita,  
Cantando, a minha amante feiticeira;  
Sou feliz como as ternas andorinhas  
E meu leito de amor é minha esteira!

Nem o árabe Califa, adormecendo  
Nos braços voluptuosos da estrangeira,  
Foi no amor da Sultana mais ditoso  
Que o poeta que sonha em sua, esteira.

Aqui, do valle respirando á sombra,  
Passo, cantando, a mocidade inteira;  
Vivo de amores... Morrerei sonhando,  
Extendido ao luar na minha esteira!

#### ANIMA MKA

Quando, nas sestras do verão saudoso,  
A sombra cõe dos laranjaes do valle,  
Onde o vento adormece e se perfuma...  
E os raios d'ouro, scintillando vivos,  
Como chuva encantada se gotejam  
Nas folhas do arvoredado rescendente,  
Parece que de afan dorme a natura  
E as aves silenciosas se mergulham  
No grato asylo da cheirosa sombra.

E que silencio, então, pelas campinas!  
A flôr aberta na manhã mimosa  
E que os estos do sol d'estio murcham  
Cerram as folhas doridas e procura,  
Da grama no frescor, doentio leito.

E' doce, então, das folhas no silencio,  
Penetrar o mysterio da floresta,  
Ou, reclinado á sombra da mangueira,  
Um momento dormir, -- sonhar um pouco!  
Ninguém que turve os sonhos de mancebo,  
Ninguém que o indolente adormecido  
Roube das illusões que o acalentam  
E do molle dormir o chame á vida!

O' minha noiva, minha doce virgem,  
No regaço da bella natureza,  
Anjo de amor, reclina-te e descansa!  
Neste berço de flores, tua vida  
Limpida e pura correrá na sombra,  
Como gôta de mel em cálix branco  
Da flôr das selvas que ninguém respira.

Além, além, nas arvores tranquillas,  
Lima, voz acordou como um suspiro...  
São ais sentidos de amorosa rôla  
Que nos beijos de amor palpita e geme?  
Ah! nem tão doce a rôla, suspirando,



Modúla seus gemidos namorados.  
Não trina assim tão longa e mollemente...  
Em argentinas pérolas o canto  
Se exhala como as notas expirantes  
De uma alma de mulher que chora e canta...

E' a voz do sabiá: elle dormia  
Ebrioso de harmonia e se embalava  
No silencio, na brisa e nos effluvios  
Das flores da laranja?... Inah, ouvistê?  
E' o canto saudoso da esperança,  
E' dos nossos amores a cantiga.  
Que o aroma que exhalam teus cabellos,  
Tua languida voz... talvez lhe inspiram!

o PASTOR MORIBUNDO

*(Cantiga para viola)*

A existência dolorida  
Cansa em meu peito: eu bem sei  
Que morrerei.  
Comtudo, da minha vida  
Podia alentar-se a flôr  
No teu amor!

Do coração nus refolhos  
Solta um ai! Porque eu respiro  
Num teu suspiro!  
Mas fita ao menos teus olhos  
Sobre os meus: eu quero-os ver  
Para morrer.

Guarda contigo a viola  
Onde teus olhos cantei...  
E suspirei.  
Só a idéa me consola  
Que morro como vivi...  
Morro por ti.

Si um dia lua alma pura  
Tiver saudades de mim,  
Meu seraphim,  
Talvez notas de ternura  
Inspirem o doido amor  
Do trovador.

Era medonho u rubro pesadello!  
Mas nas fronte venaes do genio o sello  
Cravaria o mathema da historia!  
Dos filhos da nação a rubra espada  
No sangue impuro da facção gloria  
Lavaria (os livres na victoria  
A mancha profanada!

A fronte envolta em folhas de loureiro  
Não a escondamos, não!... Era um guerreiro!  
Despiu por uma idéa a sua espada!  
Alma cheia de fogo e mocidade,  
Que ante a furia (os reis não so acobarda,  
Sonhava nesta geração bastarda  
Glorias... e liberdade!

Timha sêde de **Victor O de futuro:**

Da liberdade ao sol curvou-se puro  
E beijou-lhe a bandeira sublimada!  
Amou-a como si Deus o mais que a vida!  
Perdão para essa fronte laureada!  
Não lanceis a matilha ensanguentada  
A agua nunca vencida!

Perdoae-lhe, Senhor! Quando na historia  
Vêdes os reis se coroar de gloria,  
Não o quando no sangue os thronos lavam

## PEDRO IAU

Perdoae-lhe, Senhor! elle era um bravo!  
Fazia as faces descorar do escravo  
Quando: 10 sol da batalha a fronte erguia,  
E o corcel gotejante de suor  
Entre sangue o cadaveres cortta!  
O genio das pelepas parecia...

Onde mais vivo, em peito mais valente,  
Num coraçao mais livre o sangue ardente  
Ao fervor desta America bullhava?  
Era um leão sangrento que rugia:  
Da guerra nos clarins se embriagava —  
E vossa gente pallida — recuava,  
Quando elle apparecia!

Era filho do povo i o sangue ardente  
As faces lhe assumava incandescente,  
Quando scismava de "Yasi" na sina...  
Hoitem - era o estrangeiro que zombava,  
Amanha - era a lamina assassina,  
No cadafalso!! A [[ carnificina  
Que em sangue jubilava!



E, envoltos 110 sou manto prostituto.  
Olvidam-se das glorias que sonhavam!  
Para esses -• maldirão! que o leito cavam  
Em lodaçal corrupto!

Nem sangue de Ratcliffs o fogo apaga  
• Que as fronte **populares** embriaga,  
Nem do heróe a cabeça decepada.  
Immunda, envolta em pó, no chão da praça,  
Assusta a multidão, que ardente brada  
K thronos despedaça!

O cadáver sem bençams, insepulto,  
Lançado aos corvos do hervaçal inculto,  
A fronte varonil do fuzilado,  
Ao somno imperial co'os labios frios  
Podem passar no escarneo desbotado.  
Ensanguentar-te a seda ao cortinado  
K rir-te aos calefrios!

Não escuteis essa facção Ímpia  
Que vos repete a sua rebeldia...  
Como o verme no chão da tumba escura,  
Convulsa-se da treva no mysterio;  
Como o vento do inferno em agua impura,  
Com a bôca maldita vos murmura:  
«Morra! Salvae o império!»

Sim, o império salvae; mas não com sangue!  
Vêde — a pátria debruça o peito exangue  
Onde essa turba corvejou, cevou-se!  
Nas glorias do passado elles cuspiram!  
Vêde — a pátria ao Bretão ajoelhou-se,  
Beijou-lhe os pés, no lodo mergulhou-se!  
Elles a prostituiram!

Malditos! do presente na mina  
Como torpe, despida Messalina,  
Aos apertos infames do estrangeiro,  
Traficam dessa mãe que os embalou!  
— Almas descridas do sonhar primeiro,  
Venderiam o beijo derradeiro  
Da virgem que os amou!

Perdoae-lhe, Senhor! nunca vencido,  
Si em ferros o lançaram foi trahido!  
Como o Árabe além no seu deserto,  
Como o cervo no páramo das relvas,  
Ninguém os trilhos lhe seguira ao perto  
No murmúrio das selvas!

Perdão! por vosso pae! que era valente,  
Que se batia ao sol co'a face ardente!  
**Rei** — e bravo tambem! e cavalleiro!  
Que da espada na guerra a luz sabia.

F, ao troar dos canhões <ntumescia  
O peito de guerrcim!

Perdão! por vossa mãe! por vossa gloria!  
Pelo vosso porvir e nossa historia!  
Não mancheis vossos louros do futuro!  
Nem lisonjeiro incenso a nódoa exime!  
— Lava-se o polluir de um beijo impuro,  
Lava-se a pallidez do vicio escuro,  
Mas não se lava um crime!



III

NOTAS SUPPLEMENTARES

1. — Perfil literario de Azevedo. —  
São de Sylvio Homero as seguintes li-  
nhas, extrahidas do seu *Compendio  
de Historia da Literatura Brasileira*:

“ O poeta da *Lyra dos Vinte Annos*  
foi um talento possante numa organi-  
zação demasiado franzina. Não podia  
viver muito: era doentio e era *me-  
lancólico*. Isto pôde-se delle dizer,



porque é a verdade manifestada em sua vida e em seus escriptos. Precoce em tudo, estranhava que o verdadeiro affecto do amor não lhe tivesse ainda chegado. Dahi o dualismo que se nota nas suas composições lyricas do genero pessoal e intimo. Ora é um lyrisimo idyllico, todo confiante e puramente ideal; ora é a amargura de quem não encontrou ainda um coração que o comprehendesse, e cae na pintura de alguma scena lasciva.

Foi um imaginoso, um lriste, um lyrico que enfraqueceu as energias da vontade e os fortes impulsos da vida no estudo e enfermou o espirito na leitura tumultuaria dos romanticos á Byron, Shelley, Heine, Musset e Sand.

Quanto ao valor de sua obra, deve-se dizer que nelle temos um poeta lyrico e o esboço dum *conteur*, dum dramatasta e dum critico; o poeta é superior a todas as manifestações de

seu talento. E' um engano suppôr ter sido elle um lacrimoso perenne; ha em sua obra paginas, e das melhores, de um completo objectivismo: *Pedro Ivo*, *Thereza*, *Cantiga do Sertanejo*, *Na minha terra*, *Crepúsculo nas montanha*(t e muitas outras o provam. Em *Gloria moribunda*, *Cadáver de poeta*, *Sombra de D. Juan*, *Bohemios*, *Poema do Frade* e *Conde Lopo* — ha muito desse satanismo, desse desprazer terrivel da vida em que veiu a dar certa ramificação do romantismo. Julgamol-o mais apreciável na sua forma séria e idealista, posto reconheçamos ser o nosso poeta o primeiro a usar em lingua portugueza do *humour*, essa bellâ manifestação da alma moderna. Eis uns versos dirigidos á sua mãe:

Es tu, alma divina, essa Madona  
Que nos embala na manhã da vida.  
Que ao amor indolente se abandona  
E beija uma criança adormecida.



No ieito solitário és tu quem véla,  
Tremulo o coração que a, dor anceia,  
Nos ais do soffrimento inda mais bella,  
Pranteando sobre uma alma que pranteia.

K, si pallida sonhas na ventura  
O affecto virginal, da gloria o brilho,  
Dos sonhos no luar, a mente pura  
Só delira ambições pelo leu filho.

Pensa em mim, corno em li saudoso penso,  
Quando a lua no mar se vae doirando;  
Pensamento de mãe é como o incenso  
Que os anjos do Senhor beijam passando...

Como isto ó acariciante e doce!  
Como já sabia, neste desventurado jo-  
vem, a poesia vasar numa linguagem  
de ouro as mais fundas emoções d'al-  
ma! »

2. — **Ultimos momentos do poeta.** —

Eis como A. X. Rodrigues Cordeiro,  
erudito escriptor lusitano, encerrou o  
seu bello perfil biographico de Alva-  
res de Azevedo :

« Podia morrer. E qual era agora a  
sua vida? Cada vez mais concentrado  
no seu quarto, procurando de dia o  
escriptorio de seu pae, que já lhe con-  
fiava as questões mais melindrosas;  
á noite, sentado á mesa de estudo,  
sempre compondo ou escrevendo, sem-  
pre ardendo em febre.

Espreitava-o a mãe, — que as mães  
não dormem, e, quando, uma ou outra  
vez, o encontrava nas altas horas da  
noite, naquelle frenesi de trabalho, na-  
quelle esbanjamento de vida, pedia-  
lhe, supplicava-lhe, disfarçando as la-  
grimas, que se fosse deitar. E' a estes  
cuidados maternos, a este sentinella  
vigilante das noites, que elle se re-  
fere quando, na poesia *Lembranças de  
morrer*, exclamava :

Só levo uma saudade - é dessas sombras  
Que eu sentia velar nas noites minhas...  
De li, (!) minha mãe, pobre coitada,  
Que por minha tristeza te definhas.



Dava-lhe elle esta demonstração de amor filial e, quando exaustão des-cansava do trabalho, passava as horas junto da irmã e da mãe, deitado aos pés desta, abraçando-a, beijando-lhe as mãos, enchendo-a de caricias, pagando amor com amor. Era o delirio do affecto, o crepitar da luz, mais viva quando está para extinguir-se.

Nisto aproximava-se o outono, que tantas flores desfolha. Chega o 10 de março, apparecem os primeiros symptommas, verdadeiramente assustadores, e perdem-se desfie logo todas as esperanças. Seguem-se 46 dias de insupportaveis dores, e a 25 de abril de 1852, depois de receber os sacramentos, e pedir uma missa que, por ser domingo, não se lhe pode dizer, entregou o espirito ao Creador. Eram 10 horas da tarde; baixava já o sol no horizonte.

As ultimas palavras que disse, for-

cejando por se apoiar no peito do ir-tão, tomando a mão do pae para a levar aos lábios, e lançando-lhe um olhar, que era o seu ultimo adeus, foram: « *Que fatalidade, meu pae!* ».

A mãe não o viu morrer, porque elle lhe havia pedido minutos antes que se retirasse; mas, quando no quarto próximo adivinhou, ou ouviu o triste desengano, soltou um supremo grito de suprema angustia e cahiu sem sentidos. E' que nesse instante se lhe acordara uma dolorosissima memória.

Havia mezes que um sonho horri-vel lhe despedaçara o coração, — o que não sonham as mães quando estremecem os filhos, e adormecem pensando sempre nelles!... Sonhara que o filho da sua alma havia de morrer na sua própria cama. Correu o tempo; o sonho varrerá-se-lhe da idéa; e, por isso, quando ultimamente o doente, a pretexto de no quarto fazer muito ca-



lor, manifestou desejos de passar para a cama da mãe, consentiu na mudança.

Realisara-se o sonho. O filho acabava de morrer na cama da mãe.»

### 3. — A morte prematura de Azevedo.

— Lopes de Mendonça, brilhante critico portuguez, nas suas *Memórias de Literatura*, assim registrou o passamento do poeta :

«Conheceis nada mais triste do que um poeta que morre na aurora e no brilhantismo de um esplendido futuro? Dar de face com um cypreste, gemendo lugubrememente sobre um túmulo, quando se esperavam encontrar coroas de louro e grinaldas de flores, não é, porventura, um espectáculo desolador? Para que veio a mão da morte pousar sobre a fronte altiva do que anciava conquistar a gloria? Que sonhos phantasticos, que ignorados poemas, que deslumbrantes inspirações

não pereceram corri esse ente, pallido e moribundo, despedindo-se, entre lagrimas, dos affectos que mais o prendiam á vida?

E o poeta tinha o presentimento da sua morte prematura! Entre delirios da sua alegria, vem sempre pousar um pensamento melancólico, uma vaga aspiração de que a sua passagem na terra ha de ser fugitiva e rápida...

Sem querer ferir de modo algum os talentos vivos, não podemos deixar de suppôr, entretanto, que Manoel António Alvares de Azevedo tomaria, como poeta, um dos primeiros lugares na literatura de Portugal e do Brasil, se tão cedo não deixasse este mundo.

A sua perda é daquellas que se devem deplorar como um funesto acontecimento para a situação e progresso das letras. Era um talento innovador, que não limitaria a sua ambição a percorrer as veredas conhecidas; que



alcançaria novos horizontes, impellido pelo fogo da inspiração, e também pela madureza dos seus estudos.

Ha vocações, que reproduzem os prodigios das sybillas antigas. Prophetizam involuntariamente sobre a tripode, e deixam-se arrastar pelo entusiasmo das suas próprias palavras. O jovem poeta não cantava somente para que as turbas se deixassem commover pela harmonia dos seus cantos: cantava porque lhe ardia no peito um fogo devorador, porque a sua alma, ébria e palpitante, lhe accendia a imaginação, e como lhe intimava que traduzisse aos outros a magia dos seus sonhos, o fervor dos seus desejos, o esplendido irradiar da sua esperança. »

4. — Querido dos deuses. — Terminando uma das suas *Palestras com a Mocidade*, disse o organizador destes livrinhos:

« NAO ha duvida: devemos deplorar que Ião prematuramente se finasse o caprichoso phantasista da *Noite na taberna*. Km compensação, porém, foi elle o único que, vivendo pouco, viveu muito... Alvares de Azevedo viveu *pouco*, pela brevissima duração da sua existência physica; viveu *muito*, pela vibrantissima intensidade da sua vida intellectual. Deveras, por demais vigoroso era aquelle espirito para um corpo Ião enfermiço e debil! Mas, si ainda aqui existisse, que seria boje, ao cabo de tantos lustros, o portentoso adolescente? Talvez a maior gloria das nossas letras; talvez um fructo combalido e seco, eivado pelo materialismo da época...

Os que morrem mocos, meus amigos — bem o disse, num verso celebre, um dos poetas favoritos de Azevedo, — os que morrem moços são *os queridos dos deuses*. »